

O vídeo da audiência incorporado à estrutura da notícia televisiva¹

Luciana Wasum Carvalho²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo: Quando a audiência se torna também produtora e passa a competir com o jornalista na distribuição de informações o processo de produção jornalístico é alterado para incorporar os materiais gerados por essa audiência. Importa, neste artigo analisar a estrutura da notícia televisiva que contenha vídeo produzido pela audiência. Recorre-se à Semiótica Discursiva para identificar, no produto final, as marcas discursivas resultantes da produção da audiência modificada pela rotina e práticas jornalísticas. Para isso aplica-se método que tem sido utilizado e aperfeiçoado pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (GIPTele/UFSC). Como objeto foi escolhida uma notícia do telejornal Balanço Geral Florianópolis, da RICTV Record.

Palavras-chave: Jornalismo; telejornalismo; vídeos da audiência; notícia; Semiótica Discursiva.

1. Introdução

O jornalismo enfrenta uma época de grandes mudanças - consequência da combinação de aspectos econômicos, sociais e tecnológicos – que perpassam toda a estrutura das empresas jornalísticas. O jornalista não detém mais o monopólio da divulgação de informações, atribuição agora dividida com a audiência que muitas vezes troca de papel para agir como produtora de notícias em um novo ecossistema de comunicações (SHIRKY, 2012).

Os reflexos dessas mudanças podem ser observados no produto jornalístico e no seu processo de produção. Em um período que pode ser caracterizado como de transição, em que o jornalismo busca novos modelos, os pesquisadores encontram um campo profícuo para estudar as diferentes escolhas adotadas pelas empresas de comunicação para manterem-se relevantes e/ou competitivas.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq);
lucianawcarvalho@gmail.com.

Para tentar dar conta desse panorama do jornalismo, em constante movimentação, neste artigo propõe-se empregar a Semiótica Discursiva. Nas palavras de Santaella, a Semiótica, “é a ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e de sentido” (2012, p. 19). Da mesma forma que o jornalismo, a Semiótica está em movimento. Segundo Santaella é uma ciência ainda não sedimentada com “indagações e investigações em progresso” (SANTAELLA, 2012, p. 11). Emerim (2016, p. 6) explica que a Semiótica Discursiva “propõe-se a ser uma teoria geral da significação bem como uma metodologia operatória para a descrição dos discursos e das práticas sociais” e destaca o aspecto interdisciplinar muito presente na Semiótica, o que contribui com a flexibilidade que o método oferece para o estudo de objetos no campo do jornalismo, em especial “os televisivos, tendo em vista a natureza híbrida, hiperbólica e mutável desses textos e a operacionalidade ofertada pela metodologia de análise semiótica a esse tipo de objeto” (EMERIM, 2016, p. 5).

Neste artigo optou-se pela Semiótica Discursiva, vertente desenvolvida a partir dos estudos de Saussure na Europa, para pensar a produção de significado e de sentido na notícia televisiva. Ao estudar o discurso, seguindo os preceitos da Semiótica Discursiva, o pesquisador se debruça sobre o texto, que tem seu conceito habitual extrapolado e pode ser expressado de diversas maneiras, dentre elas na forma de uma notícia televisiva, considerando-se todos os seus elementos constitutivos que serão analisados a partir do conteúdo – o que se diz, e da expressão – como se diz.

Interessa, neste artigo, investigar esses elementos em uma notícia que contenha material produzido pela audiência. Nesse tipo de notícia ao mesmo tempo em que o jornalista modifica o material proveniente da audiência também tem suas decisões quanto à produção e estruturação dos elementos influenciadas pelo material gerado pela audiência. Assim, pretende-se verificar no produto final como se apresentam e se relacionam o material originado da audiência/produtora e do jornalista. Para isso, a partir dos preceitos da Semiótica Discursiva identifica-se no produto telejornalístico como as contribuições da audiência são estruturadas para tornarem-se notícia jornalística.

Para essa análise o objeto escolhido é uma notícia televisiva transmitida no Jornal Balanço Geral Florianópolis da emissora RICTV Record no dia 20 de novembro de 2017.

Tendo sido escolhida uma notícia televisiva, para proceder essa análise a partir da Semiótica Discursiva recorre-se à gramática televisiva.

Dessa forma, este artigo trará, inicialmente, um detalhamento do método utilizado, que envolve a percepção do contexto em que está inserida a notícia e a apresentação das categorias que auxiliarão a identificar as marcas discursivas. Posteriormente o método apresentado será aplicado, ao analisar o contexto em que a notícia está inserida no telejornal e na programação e ao descrever os recursos utilizados na locução e os elementos constitutivos da imagem. A partir da exposição dos dados pela descrição pode-se relacioná-los ao contexto para uma análise da estrutura da notícia e das estratégias discursivas utilizadas pela audiência produtora e pelo jornalista na produção de sentido.

2. Metodologia

O Método aqui apresentado tem como base os estudos realizados pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (GIPTe/UFSC). Proposto a partir da Semiótica Discursiva, o método tem sido adaptado para pesquisas em diferentes objetos midiáticos, conduzindo os estudos mediante a análise do contexto e a descrição dos planos de expressão e de conteúdo.

A produção de uma notícia não ocorre de forma isolada, está conectada a todo um processo de produção pré-estabelecido, da mesma forma que a decisão pela produção de uma notícia está relacionada a diversos fatores como a linha editorial do telejornal, a programação na qual aquele jornal está inserido e as decisões mercadológicas da emissora, para ficarmos nos exemplos mais ilustrativos. Da mesma forma, para a Semiótica Discursiva o texto, entendido como objeto de estudo, não pode ser considerado isoladamente. Por isso, o método utilizado pelo GIPTe/UFSC prevê a análise do contexto que envolve a produção dos produtos midiáticos. Neste artigo essa análise se dará através do resgate do histórico da emissora, da programação, do formato do telejornal e da estrutura da notícia. Neste último observa-se o objeto em sua estruturação interna, verificando-se: a) a presença dos elementos estruturais da notícia: cabeça da notícia, passagem de abertura, entrevista, off, passagem de encerramento, encerramento; b) o tipo de material da audiência: vídeo ou foto; c) o som do material da audiência: som original ou *off*; d) a utilização do material da audiência: como informação central ou informação

adicional; e) a utilização ou não de entrevista; e f) os critérios de noticiabilidade da notícia (GANS, 2004³).

Observado o contexto, parte-se para a descrição da notícia. Para isso trabalha-se descontruindo o texto e identificando os elementos que constituem o que se diz, expresso no que será o plano de conteúdo, e os mecanismos expressivos⁴ empregados em como se diz, descritos no plano de expressão. Apesar da divisão para efeito de aplicação do método, os dois planos em conjunto são responsáveis pela produção de sentido.

A análise dos planos é feita por meio da identificação dos elementos e códigos que formam a linguagem televisiva. Esses elementos e códigos se relacionam formando um sistema que é denominado gramática⁵. A linguagem televisiva recebeu influências do cinema, do rádio, da fotografia, das artes e mais recentemente da comunicação mediada pelo computador, entre outras. Duarte (2000) diz que a linguagem televisiva continua em construção, o que é coerente com a inserção do jornalismo no ecossistema de comunicações citado anteriormente. Portanto, é justificável a semelhança da gramática televisiva com outras gramáticas, o que será percebido em muitas das categorias utilizadas neste artigo.

Para o propósito da análise, a descrição da notícia é feita de forma a compartimentá-la. O *take* ou tomada, como unidade mínima da notícia televisiva, está delimitado por um corte no seu início e no seu fim. A análise a partir do *take* simplifica a descrição dos mecanismos expressivos utilizados, identificados a partir das categorias dentre as existentes na gramática selecionada para o estudo.

Para a análise do plano de conteúdo e do plano de contexto, na pesquisa buscou-se o estudo de diversos autores de modo a atender a complexidade da gramática televisiva. São importantes para essa análise os estudos de Bell (1991), Duarte (2000), Emerim (2000), Zettl (2011) e Coutinho (2009).

³ Gans (2004) divide os critérios de noticiabilidade, que ele nomeia como considerações, em três grandes grupos: a) as considerações substantivas, que se referem à importância ou o interesse pela notícia; b) as considerações do produto, relacionadas à qualidade da notícia e ao modo de produção jornalístico; e c) as considerações competitivas, em que a notícia é avaliada a partir da possibilidade de publicação de informações exclusivas e das possíveis decisões editoriais de outros veículos.

⁴ “Mecanismos expressivos são os arranjos de formas de expressão, cuja disposição se submete a regras (sintáticas) de combinação de elementos, selecionados pelo(s) enunciador(es)/produtor(es) dentre um repertório de possibilidades virtuais, para manifestar uma determinada estratégia discursiva” (DUARTE, 2000, p. 10).

⁵ “Por **gramática** compreende-se, fundamentalmente, a *descrição dos modos de existência e de funcionamento* de um determinado sistema, e por **linguagem** os elementos e códigos que, em relações de diferentes níveis, estabelecem um conjunto de regras e regularidades que caracterizam e definem um sistema” (EMERIM, 2016, p. 9).

Para o plano de conteúdo foram definidas seis categorias de análise, com base nos estudos de Bell (1991), sendo elas: a) *lead*: presença ou não das informações que compõem o *lead*; b) fontes e atores citados na notícia; c) fatos e números citados na notícia; d) acompanhamento (informação sobre ações subsequentes ao acontecimento principal); e) comentário (contexto, avaliação ou expectativas); e f) fatos anteriores (informações sobre fatos anteriores relacionados). As três primeiras categorias estão vinculadas à estrutura básica da notícia enquanto que as outras três referem-se a informações complementares.

Após a observação do que se diz parte-se para a aplicação das categorias definidas para o plano de expressão, ou como se diz. São elas: composição de cena, enquadramento, posicionamento da câmera, movimentos de câmera, plano de enquadramento, angulação, cor, luz e som.

Oliveira (2009) diz que se deve iniciar a análise de uma imagem pelas linhas que determinam sua macroestrutura. Para a presente análise, então, propõe-se começar pela composição de cena, em que Duarte (2000) elenca como fatores a serem analisados: a) as linhas de força que seriam as linhas imaginárias criadas pela disposição dos elementos formadores da imagem; b) a intersecção dos terços; e c) o posicionamento do elemento principal da imagem.

Porém, a composição da cena também é definida a partir do enquadramento, sendo essa, portanto, a segunda categoria de análise. Novamente recorrendo a Duarte (2000) estabelece-se que o enquadramento pode ser percebido a partir da escolha dos objetos dentro do campo do foco, do movimento e do formato da imagem – quadrado, horizontal ou vertical.

Para dar continuidade à análise aplica-se a gramática formada inicialmente no cinema e adaptada às necessidades técnicas da produção televisiva, com as seguintes categorias a) o posicionamento da câmera – se frontal, lateral ou de costas (EMERIM, 2000); b) os movimentos de câmera: panorâmica, *travelling*, *dolly* e *zoom in* e *zoom out* (WATTS, 1990 apud COUTINHO, 2005, p. 342); c) o plano de enquadramento que pode ser plano geral, plano médio geral, plano médio; plano médio fechado; plano médio aberto; primeiro plano; primeiríssimo primeiro plano; médio *close-up*; *close-up* e big *close-up* (EMERIM, 2000); e d) a angulação que segundo Emerim (2000) pode ser normal, *plongê* ou *contra-plongê*.

Outras categorias a serem analisadas são a cor e a luz. Sobre a cor procede-se a verificação se a imagem é colorida ou preto e branco, sua tonalidade (cores quentes, frias ou neutras) e o contraste (DUARTE, 2000). Quanto à luz pode-se avaliar se é direcional ou difusa (ZETTL, 2011). A última categoria de análise é o som que poderá conter trilha musical, som ambiente, fala ao vivo do estúdio, fala do repórter, off ou entrevista.

3. Análise

A notícia, como decorrência de um processo de produção baseado em práticas e rotinas enraizadas na profissão, deve ser entendida como um produto resultante de diferentes instâncias. Por isso, é importante analisar o contexto que envolve sua produção.

A RecordTV tem uma história ligada ao surgimento da televisão no Brasil. Foi o segundo canal brasileiro, inaugurado em São Paulo, em 1953, três anos após a Tupi. Teve grande sucesso na década de 60 quando investiu em programas de comédia e musicais, com destaque para os festivais de MPB. Ao final da década de 70, a TV Globo já era a líder de audiência e a RecordTV enfrentava dificuldades financeiras, momento em que Silvio Santos passou a deter 50% das ações da emissora. Com muitos problemas financeiros a RecordTV foi vendida para Odenir Laprovita Vieira e Edir Macedo Bezerra em 1989, iniciando a ligação da emissora com a Igreja Universal do Reino de Deus. Um dos principais reflexos na programação foi o investimento em teledramaturgia com roteiros baseados na bíblia.

O Grupo RIC é a maior afiliada da Record no Brasil. O Grupo surgiu quando a família Petrelli adquiriu duas TVs no Paraná, ao final da década de 80. A família já atuava no mercado em Santa Catarina e o grupo retransmitia a Record e SBT até 2007, quando o sinal das geradoras foi unificado. Em Santa Catarina o Grupo é constituído por sete emissoras de TV: Record News SC, RICTV Record Florianópolis, RICTV Record Joinville, RICTV Record Blumenau, RICTV Record Itajaí, RICTV Record Chapecó e RICTV Record Xanxerê.

Em seu vídeo institucional o Grupo RIC afirma que acredita “no jornalismo exercido com ética e transparência, mas com posicionamento e opinião”. Essa afirmação está de acordo com o telejornal Balanço Geral Florianópolis no que tange ao posicionamento e opinião. O Balanço Geral Florianópolis, apresentado por Raphael Polito é um telejornal que mescla informação sobre os principais acontecimentos, a

prestação de serviço e o entretenimento, sempre acompanhado dos comentários e opiniões do apresentador. Polito divide o espaço com Hélio Costa que apresenta as notícias pautadas na segurança e Marcelo Cabral, apresentador do segmento de esporte. Após avaliação dos telejornais produzidos em Florianópolis identificou-se que o Balanço Geral era o que fazia mais uso de vídeos da audiência.

Os telejornais apresentados no horário do almoço normalmente possuem uma característica um pouco mais voltada ao entretenimento quando comparados aos jornais noturnos, por exemplo. No Balanço Geral Florianópolis essa característica fica ainda mais evidente por exibir, ao final do horário, um quadro de uma hora totalmente dedicado ao entretenimento. Do total de três horas de telejornal, uma hora é de entretenimento. Na programação e chamadas esse segmento aparece em separado, porém, a vinculação ao telejornal é mantida pela presença do apresentador e mesmo cenário.

Na programação publicada no site da RICTV Record o telejornal é descrito como “...focado em jornalismo e entretenimento, com uma linguagem solta e uma maneira irreverente de apresentação”. Com duas horas dedicadas ao jornalismo, entretenimento/serviço parte do tempo é utilizado em comentários pelo apresentador, chamadas longas de notícias para os próximos blocos e a repetição de informações na apresentação e nas notícias. Pode-se observar também uma extensão do tempo de exposição do repórter em uma estrutura diferente da tradicional notícia com *off*, passagem e entrevista. O que se observa é o repórter em uma gravação ou ao vivo em externa fornecendo as informações referentes à notícia, constantemente sem incluir entrevista.

Na programação, o Balanço Geral Florianópolis é transmitido em seguida ao telejornal Fala Brasil e ao programa Hoje em Dia, ambos de produção nacional. O Fala Brasil é um telejornal e o programa Hoje em Dia mescla entretenimento e notícias com temáticas mais voltadas à segurança e *soft news*. O Balanço Geral Florianópolis tem espaço para chamadas no intervalo do Fala Brasil e do Hoje em Dia, cujo encerramento é feito com chamadas do Balanço Geral de diversos Estados.

A notícia analisada é representativa do uso que a produção desse telejornal faz do material produzido pela audiência. Nesse caso a audiência atua como produtora substituindo o repórter cinegrafista em sua função e fornece a imagem que fará parte da

estrutura da notícia. Com o título “Mãe deixa bebê trancado dentro de carro”⁶ a notícia da repórter Daiana Brocardo, com duração de 1’41’’, foi publicada no site da RICTV Record no dia 20 de novembro de 2017, acompanhada do texto “Um bebê de apenas 2 anos foi deixado pela mãe dentro de um carro, em Itapema, no Litoral Norte. Pessoas que passavam pelo local ouviram o choro da criança, e arrombaram a porta para fazer o resgate do bebê”.

Para facilitar o entendimento transcreve-se abaixo a locução de cada *take* identificando também a estrutura da notícia.

Take 1 – cabeça da notícia – 9’’

Uma mãe esqueceu o próprio filho de dois anos de idade dentro do carro, isso em Itapema, no Litoral Norte, ela vai trazer os detalhes, como é que isso aconteceu Daiana?

Take 2 – off apresentador – 2’’

Minha nossa!

Take 3 – passagem de abertura – 11’’

Olá, boa tarde, boa tarde para você que acompanha o Balanço geral. Pois é, esse caso aconteceu na cidade de Itapema, nesse último final de semana, e causou uma grande comoção social, principalmente nas redes sociais, onde o...

Take 4 a 9 – off repórter – 56’’

...vídeo foi divulgado. Testemunhas contaram que a criança, que é um bebê de colo, foi deixada pela mãe dentro do carro da família, que estava estacionado próximo a um shopping na cidade de Itapema, na região central. A mãe deixou a criança ali e saiu para resolver alguma coisa. Pessoas que passavam pelo local ouviram a criança chorando. Muita gente parou para ajudar, como mostra esse vídeo. O vidro do carro estava parcialmente aberto e essas pessoas, então, conseguiram arrombar a porta e resgataram a criança. Também conforme testemunhas, ela estava nervosa, chorava bastante, mas logo foi acalmada por populares. Minutos depois, a mãe apareceu no local, acabou chegando junto com a Polícia Militar. A população, inclusive, se mostrou bem revoltada com a atitude dessa mãe. A polícia então interrogou a mulher alguns metros à frente de onde tudo aconteceu para tomar as providências necessárias. Mas, essas providências...

Take 10 – passagem de encerramento – 23’’

⁶ RICTV Record. Mãe deixa bebê trancado dentro de carro. 2017. <<https://ricmais.com.br/sc/programas/balanco-geral-florianopolis/mae-deixa-bebe-trancado-dentro-de-carro>>. Acesso em 17 de janeiro de 2018.

...o que aconteceu depois desse momento não foi divulgado pela Polícia Militar. A Polícia Militar de Itapema foi questionada, mas não respondeu a esses questionamentos e não informou a imprensa sobre o que aconteceu com essa mãe, quais foram as providências tomadas a partir de então e nem qual foi a explicação, né, dela de ter deixado uma criança tão pequena sozinha dentro de um carro trancado na rua.

Transcrita a notícia inicia-se o processo de descrição pela estrutura do objeto. A notícia é formada pela cabeça da notícia, *off* do apresentador, passagem de abertura, *off* do repórter e passagem de encerramento. As imagens do acontecimento são provenientes de vídeos produzidos pela audiência em que o som original foi substituído pelo *off* do repórter. A notícia não tem entrevista e destaca o vídeo como informação e imagem centrais em sua estrutura. Dentre os critérios de noticiabilidade propostos por Gans (2004) destaca-se para essa notícia o interesse humano, a surpresa, a adequação ao formato do produto jornalístico telejornal e a publicação por competidores.

Observada sua estruturação parte-se para a identificação no áudio das categorias previstas no plano de conteúdo para melhor observar o que é dito na notícia. O *lead* da notícia traz as informações sobre o que aconteceu (mãe esqueceu o filho dentro do carro), e onde (Itapema, no Litoral Norte). E no início de sua passagem a repórter acrescenta a informação sobre quando ocorreu (nesse último final de semana). Como atores nesta notícia estão as pessoas presentes no local do acontecimento, a mãe e a criança e ainda a Polícia Militar. Destes são citados como fontes as “testemunhas” e a Polícia Militar de Itapema. A partir das informações das fontes a repórter relata o ocorrido e não confirma a informação fornecida no *lead* de que a mãe havia esquecido a criança. Os números não são precisos, mas sim aproximados, como “minutos depois”, “alguns metros à frente”. A notícia não oferece informações anteriores ao evento e após destacar a ação principal (criança trancada no carro) e ação secundária (mãe sendo interrogada) a repórter acrescenta dados de acompanhamento utilizando a Polícia Militar como fonte.

Finalizada a descrição por meio das categorias do plano de conteúdo, com o objetivo de analisar o que se diz, deve-se partir para o plano de expressão para descrever as técnicas utilizadas e identificar como se diz. Para facilitar o detalhamento, na análise descreve-se cada *take* da notícia.

Take 1 – composição de cena: apresentador à esquerda da tela direciona o olhar do telespectador para a tela onde aparecem imagens da notícia. Enquadramento horizontal,

frontal, movimento de panorâmica; plano médio geral; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala ao vivo do estúdio.

Take 2 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com veículo em destaque e pessoas em seu entorno. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de *zoom-in*; plano médio geral; angulação normal; cores neutras; luz difusa; fala ao vivo do estúdio.

Take 3 – composição de cena: repórter em destaque no centro da tela em composição com paisagem ao fundo. Enquadramento horizontal; câmera frontal; plano médio; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

Take 4 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com veículo em destaque e pessoas em seu entorno, passando para criança no centro ao fundo entre populares. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de *zoom-in* seguido de panorâmica; plano médio geral; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

Take 5 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com veículo em destaque. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de *zoom-in*; plano médio geral; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

Take 6 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com veículo em destaque e pessoas em seu entorno, passando para criança no centro, ao fundo, entre populares. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de *travelling* seguido de *zoom-in*; plano geral; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

Take 7 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com criança no centro ao fundo entre populares. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de *dolly* seguido de *travelling*; plano geral seguido de plano médio geral; angulação *plongê*; cores frias e neutras com destaque para cor quente na roupa vermelha da criança; luz difusa; fala do repórter.

Take 8 – composição de cena: vídeo feito no local do acontecimento com veículo em destaque e pessoas em seu entorno, seguido de detalhe do interior do veículo. Enquadramento horizontal; câmera frontal; movimento de panorâmica seguida de *travelling*; plano geral seguido de plano médio fechado; angulação *plongê*; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

Take 9 – composição de cena: imagem estática da mãe com a criança ao lado de policiais militares, ao centro da imagem, com pessoas em seu entorno. Enquadramento horizontal; câmera costas; plano médio geral; angulação normal; cores frias e neutras com destaque para cor quente na roupa vermelha da criança; luz difusa; fala do repórter.

Take 10 – composição de cena: repórter em destaque no centro da tela em composição com paisagem ao fundo. Enquadramento horizontal; câmera frontal; plano médio; angulação normal; cores frias e neutras; luz difusa; fala do repórter.

A fragmentação adotada pelo método permite a observação dos elementos que constituem o objeto e que na análise são recuperados para dialogar com o contexto. Partindo-se da caracterização do telejornal podemos relacioná-la com os critérios de noticiabilidade identificados na notícia analisada: o interesse humano, a surpresa, a adequação ao formato do produto jornalístico e a publicação por competidores. O interesse humano e a surpresa como critérios de noticiabilidade são característicos da *soft news* e notícias de entretenimento veiculadas pelo telejornal. Os outros dois critérios são representativos das características da produção de notícias no Balanço Geral. Em muitos telejornais a utilização de vídeos produzidos pela audiência ainda se dá somente em algumas notícias, com imagens ou temas impactantes. A notícia em análise não se encaixa em nenhum desses dois princípios. Ao contrário, poderia ter sido produzida sem as imagens, que não contribuem para adicionar informação à notícia e contam ainda com restrições relacionadas à proibição de imagens de crianças pelo Estatuto da Criança e Adolescente. Ainda assim, as imagens produzidas pela audiência têm destaque na notícia atestando que um dos critérios é a adequação ao formato do produto jornalístico que tem entre suas características grande utilização de material da audiência. O último critério de noticiabilidade deve ser destacado por sua atualidade. Apesar de que na época em que realizou seu estudo de noticiabilidade, 1979, Gans (2004), quando se referia a competidores considerava concorrentes da mesma área geográfica ou que atuavam na mesma mídia, esse pensamento deve ser atualizado ao novo ecossistema de comunicações (SHIRKY, 2012) em que as tradicionais mídias jornalísticas competem com outras plataformas de informação. Nas palavras da repórter: “Pois é, esse caso aconteceu na cidade de Itapema, nesse último final de semana, e causou uma grande comoção social, principalmente nas redes sociais, onde o vídeo foi divulgado”. A notícia expõe a prática da produção do telejornal em noticiar fatos que tenham repercussão na internet, e inclusive em mídias sociais, não só em sites de empresas de comunicação, considerando

todas essas formas de comunicação como concorrentes. Outro ponto a ser considerado é que a repórter utiliza a locução para reforçar a importância e a noticiabilidade da notícia ao informar que o fato “causou grande comoção social”.

Ainda referente à estrutura da notícia, porém já conectando com a análise do plano de conteúdo deve-se destacar a ausência de entrevista. A notícia escolhida é representativa do telejornal que utiliza elementos para trazer todas as informações na fala do repórter. A estrutura tradicional da notícia é simplificada, sendo constituída basicamente da cabeça, *off* e encerramento. A passagem é convertida no encerramento e sua função de localizar o repórter na rua, preferencialmente no local do acontecimento é simulada em um local externo que pode ser na própria área da emissora.

Ao avançar na análise da locução (o que se diz) a partir das categorias descritas no plano de conteúdo percebe-se que pode haver conexão entre a simplificação da estrutura da notícia e o processo de apuração. As fontes citadas são “testemunhas” e Polícia Militar de Itapema e a falta de qualificação das fontes está de acordo com a escassez de informações. Na cabeça da notícia o apresentador cita que a mãe havia esquecido a criança no carro, fato que a repórter não confirma ao afirmar que a “A mãe deixou a criança ali e saiu para resolver alguma coisa”. Importa destacar, ainda, a imprecisão nas informações citadas “minutos depois”, “alguns metros à frente” e a inexistência de informações sobre as ações subsequentes. Devido à falta de dados, o que deveria ser o acompanhamento do acontecimento, de acordo com as categorias citadas na descrição, na locução da repórter fica caracterizado como um comentário. Concluindo a análise do plano de conteúdo pode-se destacar que na contramão dos esforços para fortalecer o papel do jornalismo como fonte diferenciada por sua profissionalização, pode-se observar a transmissão de notícias em que o jornalista se apropria das informações e das imagens sem oferecer uma apuração da notícia que a diferencie do material que circula nas mídias sociais.

Passa-se a seguir às conclusões referentes à análise do plano de expressão. Inicialmente deve-se observar a composição de cena, o plano e a angulação do vídeo produzido pela audiência que manifestam a intenção de mostrar a quantidade de pessoas reunidas no local em virtude do acontecimento, imagens que colaboram para ressaltar a noticiabilidade da notícia. A angulação *plongé* não se trata de uma escolha para acrescentar um sentido à imagem, mas sim uma angulação padrão para facilitar a filmagem evitando obstáculos à frente de quem filma, nesse caso as pessoas que

acompanhavam o acontecimento. Apesar de a filmagem não mostrar o rosto do bebê, atendendo ao Estatuto da Criança e Adolescente, o fato de ele estar centralizado na imagem e com uma camiseta da cor vermelha permite seu reconhecimento em meio a outras pessoas, o que demonstra como a cor pode ser importante em uma imagem.

A notícia está dividida, em termos imagéticos, entre o vídeo da audiência e a presença do repórter. Com 56'' o vídeo da audiência foge dos padrões técnicos consolidados na prática jornalística, o que demonstra não ter sido produzido pela emissora, apesar de não haver nenhum crédito de autoria. Para mostrar a movimentação em torno da criança o cinegrafista além de caminhar enquanto filma, abusa dos movimentos de câmera, perdendo muitas vezes o foco. Além da forma como foi filmado, a edição com seis *takes* também colabora para o ritmo do vídeo, o que contrasta com a câmera parada focalizando a repórter. Somando o tempo da passagem de abertura e da passagem de encerramento são 34'' somente com a presença do repórter na tela, sem apresentar qualquer movimento de câmera ou cortes que tragam ritmo à notícia.

Peixoto (2016) verificou o aumento do tempo dos repórteres nas passagens. Comparando o tempo de passagens históricas (entre 1969 e 1990) com passagens contemporâneas (2015) identificou que o tempo médio das passagens aumentou de 15,7 segundos para 19,5 segundos. O material produzido pela audiência tem um ritmo diferente do jornalismo tradicional, o que tem levado os repórteres a se movimentarem mais em frente à câmera e os repórteres cinegrafistas a utilizarem mais movimentos de câmera, mudanças também observadas por Peixoto (2016) em sua pesquisa.

A descrição do objeto aliada à sua contextualização permitiu a identificação de diversos fatores preponderantes para se pensar como o jornalista adapta o vídeo produzido pela audiência e a estrutura da notícia. A partir dessa análise pode-se tecer algumas reflexões sobre as novas práticas nas considerações finais.

Considerações finais

A primeira observação a ser feita é de que os aspectos técnicos observados devem ser contextualizados pelo momento tecnológico, social e pelas fortes restrições econômicas impostas às redações. Fatores como diminuição do número de entrevistas, falta de fontes qualificadas, maior tempo de presença do repórter, entre outros, não podem ser atrelados somente às notícias que utilizam material produzido pela audiência.

Feita essa ressalva, a partir do tipo de análise realizada pode se pensar na substituição das formas clássicas de apuração e produção da notícia pelo uso indiscriminado da internet. E nesse processo a audiência é referenciada pela imprensa mais como fonte do que como produtora, no que Singer (2008) chama de normalizar (*normalizing*), um movimento de adequar novas práticas ou ferramentas o necessário para a produção jornalística descartando outros benefícios que poderiam contribuir para um jornalismo de qualidade.

Também deve ser destacado que como parte do ecossistema de comunicações (SHIRKY, 2012) as empresas de comunicação absorvem parcela dos novos modelos de comunicar que antes não seriam condizentes com a técnica utilizada na produção de notícias. O uso que a audiência faz de ferramentas, antes exclusivas da imprensa, sem o conhecimento ou limitação de regras técnicas, gerou diferentes padrões de comunicar que foram sendo absorvidos e adotados pela sociedade. Assim, não só profissionais e amadores se misturam na internet, mas também nos telejornais e mais ainda, jornalistas se permitem repensar o que era considerado tecnicamente correto para adotar novas formas de comunicar e buscar uma integração maior com o público. É cada vez mais comum observarmos nos telejornais vídeos como o analisado neste artigo, que anteriormente não fariam parte da transmissão por não terem a qualidade técnica esperada.

O método adotado neste artigo permite observar a forma como foi construída a notícia analisada. Para tanto, iniciou-se pela identificação do contexto em que está inserido o objeto e em seguida pela descrição do plano de conteúdo e do plano de expressão, para observar os elementos separadamente e posteriormente relacioná-los ao contexto. A desconstrução do objeto permite observar suas unidades mínimas sem, contudo, se perder nos detalhes, em um movimento de diálogo entre os planos e o contexto.

Neste momento de transição no jornalismo a Semiótica Discursiva pode auxiliar na análise dos objetos em transformação ao fornecer um método que estrutura o caminho da investigação sem ser engessado, estando a Semiótica Discursiva baseada na interdisciplinaridade e em constante aperfeiçoamento. A partir da experiência deste artigo observa-se também que o método pode ser de grande aplicabilidade para o estudo das influências na linguagem televisual decorrentes das novas linguagens que surgem a partir

da internet, formando e renovando gramáticas que deem conta do novo ecossistema de comunicações.

Referências

AMORIM, Antonio C. Bellini. **Rede Record: 45 anos de história**. São Paulo: Antonio Bellini Editora & Design, 1999.

BELL, Allan. **The language of news media**. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise da imagem. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Reflexões sobre o texto televisivo*. In: INTERCOM – 2000, Manaus, Anais... Manaus: INTERCOM, 2000.

EMERIM, Cárilda. *Muvuca: ensaios sobre o texto televisivo*. São Leopoldo: Dissertação de Mestrado (PPGCC UNISINOS), 2000.

EMERIM, Cárilda. Semiótica discursiva: aplicações na pesquisa em jornalismo. (159-184). In: SCÓZ, Murilo; VANDRESSEN, Monique; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e (orgs.). **Proposições interativas: modos de produzir sentidos**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2016.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. Illinois: Northwestern University Press, 2004.

OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2006.

PEIXOTO, Filipe. *Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo brasileiro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143300/000997160.pdf?sequence=1>>.
Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SINGER, J. B. *The Political j-blogger*. 'Normalizing' a new media form to fit old norms and practices. Disponível em **Journalism**, v. 6(2), p. 173-198, 2005: <<http://journals.sagepub.com.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1464884905051009>>. Acesso em 2 de março de 2017.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011